

Lesões Associadas a Acidentes com Andarilhos - a memória dos pediatras -

RESULTADOS

Elsa Rocha, Marisol Anselmo, João Paulo Pinho, Helena Menezes, Daniel Virella

Introdução: Os andarilhos são, isoladamente, o artigo de puericultura que mais acidentes graves provoca, tendo em conta o curto período em que são utilizados. Em Portugal são estimados 650 casos por ano suficientemente graves para obrigar a criança a recorrer a um serviço de urgência hospitalar. Cerca de metade dos casos correspondem a quedas em escadas e 79% das crianças acidentadas sofreram traumatismos cranianos. Apesar da recomendações expressas no Boletim Individual de Saúde para a não utilização deste artigo e das medidas de prevenção de acidentes, nomeadamente o desenvolvimento de normas que melhoraram a estabilidade, a vigilância e a utilização de cancelas nas escadas, a mobilidade e velocidade excessivas das crianças enquanto utilizadoras de andarilhos tornam este produto muito perigoso, devendo ser desencorajada a sua utilização. O Canadá foi o primeiro país a legislar a proibição de venda de andarilhos em Abril de 2004.

Método: Foi feita uma análise retrospectiva dos casos de lesões associadas a acidentes com andarilhos em crianças com menos de 18 meses de idade. Durante o mês de Maio de 2005, a UVP-SPP, numa parceria com a APSI – Associação para a Promoção da Segurança Infantil, enviou um inquérito a todos os Pediatras pertencentes à sua lista de notificadores voluntários, inquirindo se durante o ano de 2004 tinham observado na sua prática clínica alguma criança com menos de 18 meses de idade com lesões associadas a traumatismo por acidente com andarilho.

Resultados: Foram enviados 1427 inquéritos, registando-se um total de 218 notificações (15%). Destes excluíram-se 3, que pela sua prática clínica não observam nunca este tipo de patologia, e confirmaram-se 215 dos quais 48 respostas positivas (22%) e 167 respostas negativas (78%). As 48 respostas positivas correspondem a 122 crianças lesadas. Nos 122 casos (100%) houve traumatismo craniano, 23 dos quais simultaneamente com lesões nos membros (19%). Foram registadas quedas em escadas em 99 casos (81%). 55 dos notificadores comentaram o seu registo com as seguintes considerações: estudo importante - 27, importância da informação aos pais

desaconselhando a utilização do andarilho – 30, necessidade de proibição da venda – 4, necessidade de divulgação da informação na comunicação social – 3, necessidade de alerta dos profissionais de saúde – 1, importância do andarilho no desenvolvimento psicomotor – 1, responsabilidade do acidente imputada aos pais e não ao andarilho – 1.

Discussão: Sendo este estudo baseado apenas no registo de memória dos acidentes com andarilhos observados no ano anterior, salienta-se a razoável adesão dos pediatras, provavelmente relacionada com a recordação de uma lesão potencialmente grave que poderia ser prevenida. No entanto, os resultados são apenas uma aproximação à real dimensão do problema, dado que a notificação é feita com base no observador e não no acidentado, embora seja solicitada uma estimativa do número de casos que tenham sido observados. Esta metodologia não permite identificar casos observados e notificados por mais de um notificador, não garante que todos os potenciais notificadores que tenham observado casos os tenham notificado e omite os casos que não tenham sido observados por pediatras. Por estas razões, estimamos que o número total de casos ocorridos em Portugal em 2004 seja muito superior ao número obtido neste estudo preliminar. Alguns dos resultados obtidos, nomeadamente o local do acidente e o tipo de lesão estão em consonância com outros estudos internacionais, o que nos permite assumir que a nossa situação deverá apresentar uma tendência e uma magnitude semelhantes.

Em Portugal, a frequência real de lesões que requerem admissão hospitalar não é conhecida; a codificação ICD-9 das causas externas, usada para classificar as lesões acidentais nos registos hospitalares, não identifica especificamente as associadas a andarilhos e o sistema Adélia (ONSA) regista apenas 5% da totalidade dos acidentes, entre os quais consta a descrição do acidente em apenas 39,6%, o que impede fazer um processo de captura-recaptura a partir destas fontes.

Conclusão: Apesar das limitações deste estudo, confirma-se a frequência deste tipo de acidentes e a preocupação entre os pediatras com as medidas preventivas. Contudo, ainda é necessário reforçar a ideia de que o andarilho é por si só um produto perigoso, independentemente da vigilância dos pais, e que a sua utilização pode ser prejudicial ao desenvolvimento psicomotor. Salienta-se a necessidade de um registo rigoroso dos acidentes e lesões e a importância da colaboração dos profissionais de saúde. Propõe-se realização de estudo prospetivo, tendo em conta que em 2005 foi publicada uma nova norma europeia que estipula um *design* mais estável do andarilho e o bloqueio das rodas, de forma a diminuir o risco de quedas em escadas.